



# Discipulado feminino e resistência no papado de Francisco

Womens's discipleship and resistance  
in the papacy of francis

*Edélcio Ottaviani (PUC-SP) \**

*Isabella Patuzzo (PUC-SP) \*\**

Recebido em: 25/08/2019. Aceito em: 21/20/2020.

**Resumo:** *Baseado em uma pesquisa bibliográfica e na experiência pastoral em diferentes continentes, o presente artigo propõe, primeiramente, uma reflexão sobre o protagonismo das mulheres na Igreja, a partir da ótica do Papa Francisco, que resiste bravamente ao poder pastoral da Cúria romana. Sustentado por um patriarcalismo cada vez mais questionado nos ambientes seculares, esse modo peculiar de exercício de poder, tão bem analisado pelo filósofo Michel Foucault, fecha os olhos acerca do real papel das mulheres nos âmbitos sociais hodiernos. Como contraponto a esta cegueira, os dois tópicos seguintes analisam, sob os pontos de vista histórico e bíblico, as características de um movimento feminino, denominado beguinato (béguinages), que afrontou o patriarcalismo e renovou as bases da Igreja no sentido espiritual e pastoral, e o articula ao protagonismo atribuído às mulheres nas parábolas lucanas, para criar um veio de reflexão que transforme nossas comunidades em espaços inclusivos, tendo por base o discipulado de iguais proposto por Jesus, como contraponto ao sistema patriarcal defendido pelas autoridades religiosas judaicas. O artigo pretende jogar novas luzes sobre a ilegitimidade das razões que excluem as mulheres dos órgãos*

\* Doutor em Filosofia (Université Catholique de Louvain, UCL, Bélgica, 1996). Mestre em Filosofia (Université Catholique de Louvain, UCL, Bélgica, 1992). Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUCSP, 2013). Graduado em Filosofia (Centro Universitário Assunção, UNIFAI, São Paulo, 1984). Graduado em Teologia (Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, PFTNA, São Paulo, 1988). Bacharel em Teologia (Faculdade Dehoniana, Taubaté, 2011). Professor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

E-mail: edelcioottaviani@uol.com.br; edelcioottaviani@hotmail.com  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1051673310922372>

\*\* Mestranda do Programa de Estudos Pós-graduados em Teologia da PUC-SP. Bacharel em Teologia (Pontifícia Faculdade de Teologia N. Sra d'Assunção, São Paulo, 1992). Licenciada em Filosofia (Centro Universitário Assunção – UNIFAI, São Paulo, 1992).  
E-mail: isbellapatuzzo@hotmail.com



*eclesiásticos de decisão e limitam sua participação nos espaços de reflexão e produção teológicas atuais.*

**Palavras-chave:** *Resistência. Poder Pastoral. Papa Francisco. Beguinatos. Discipulado de iguais.*

**Abstract:** *The aim of this article is to analyse the resistance of Pope Francis in including women in new ministries in the Church face a strong position of the pastoral power of the Roman Curia in its maintenance of patriarchal structures that hinders women's sharing responsibilities in decision post in the Church. First it will make a reflection about the protagonism of women in the Church from Pope Francis's point of view. Then, it will analyze the characteristics of the womanly movement called béguinages, which originated in Belgium XIII century and its was able to face patriarchy and also renew the substructure the Church in spiritual as pastoral fields, particularly for the care of poor, sick and marginalized one of that time. This analysis point out their living style was dissonant to ordinary one, that's why they went through restrictions and even persecution by some Church authorities orthodoxy's defenders. In a second moment, its will articulate the béguinages's Movement to the protagonism the Lukan parables who main characters are women; it will bring light to some reflections about the equalitarian communities proposed by Jesus on discipleship. Hoping to give some insights about the reason why in so many way women are exclude of decision-making and ministries in the Church, even putting restrictions to them to have equal opportunities in the theological space.*

**Keywords:** *Resistance. Pastoral Power. Pope Francis. Beguinates. Discipleships of Peers.*

## Introdução

O presente artigo coloca em evidência a resistência do papa Francisco ao patriarcalismo da Cúria romana – ao nomear mulheres para postos de decisão em âmbitos eclesiais hodiernos – e seu esforço em levar a Igreja oficial a reconhecer, em documentos eclesiásticos, o protagonismo das mulheres, atestado tanto pela história da Igreja quanto pelas parábolas contadas por Jesus. Num primeiro momento, este artigo parte dos gestos de Francisco, que reconhece o valor das mulheres na Igreja e a necessidade de lhes outorgar um espaço maior nos postos de decisão, e os associa às noções de resistência e de poder pastoral, trabalhadas pelo filósofo Michel Foucault em seu curso *Segurança, Território, População*, ministrado no *Collège de France* nos primeiros meses de 1978. Num segundo momento, lança mão de pesquisas realizadas *intra et extra ecclesiam* sobre o protagonismo feminino e apresenta o movimento das beguinatas como um acontecimento pertencente à tradição da Igreja – que transforma as mulheres, outrora enclausuradas em casa ou



no convento, em anunciadoras do evangelho aos excluídos e verdadeiras precursoras de uma “Igreja em saída”, oitocentos anos antes que esta noção tivesse sido globalmente difundida por Francisco. Este tópico descreve as características mestras de um movimento encabeçado por mulheres, que teve sua origem no início do século XIII, na Bélgica, sendo capaz de afrontar o patriarcalismo e renovar as bases da Igreja no sentido espiritual e pastoral, particularmente na atenção aos pobres, doentes e marginalizados da época. As análises apontam para um estilo de vida dissonante do habitual, fazendo recair sobre seus membros restrições e mesmo perseguições por parte de autoridades defensoras do poder eclesiástico. Por fim, mostra que a atitude resistente do Papa Francisco encontra sua inspiração na atitude do próprio Jesus, que coloca a figura feminina como protagonista, por exemplo, nas “parábolas do Reino” narradas pelo evangelista Lucas, em oposição aos papéis secundários que lhes são atribuídos pelas autoridades religiosas judaicas. Tal associação visa dar maior fundamento ao desejo de se verem criadas comunidades inclusivas, a partir do discipulado de iguais proposto por Jesus, que sejam capazes de atrair, cada vez mais, novas gerações de mulheres à causa do Evangelho. Trata-se de jogar novas luzes sobre as razões ilegítimas que excluem as mulheres dos órgãos eclesiásticos de decisão e limitam sua participação nos espaços de reflexão e produção teológicas atuais.

## 1 O Papa Francisco e seu posicionamento frente à atuação da mulher na Igreja atual

A abertura ao diálogo com excluídos e marginalizados são duas características marcantes do projeto eclesial proposto pelo Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Para ressaltá-las em sua dimensão afetiva/inclusiva, o Papa Francisco, muito mais que seus antecessores, tem feito apelos à participação cada vez maior das mulheres na constituição de uma Igreja servidora, fiel ao ensinamento de Jesus, que propõe um discipulado de iguais. Bem mais do que por pensamentos, é por gestos que Francisco emite sua opinião sobre a necessidade de a Igreja dar espaço ao protagonismo das mulheres nos organismos de decisões. Frequentemente, ele tem chamado a atenção sobre a ausência das mulheres nos âmbitos decisórios da estrutura eclesiástica e sobre o fato de, mesmo quando estão presentes nos espaços eclesiais, não serem tratadas com a mesma dignidade atribuída aos homens. No dia 3 de abril de 2013, três semanas após o início de seu pontificado, em sua



segunda audiência geral, na Praça São Pedro, no clima da comemoração do Dia Internacional da Mulher, Francisco lembrou que as mulheres são as primeiras testemunhas da ressurreição do Senhor, da misericórdia e ternura divinas. Em uma entrevista coletiva quando de seu retorno da Jornada Mundial da Juventude (JMJ), do Rio de Janeiro, em 28 de julho do mesmo ano, ele destacou que “uma Igreja sem mulheres é semelhante a um cenáculo sem Maria”.<sup>1</sup>

Este reconhecimento da ausência da mulher em muitos lugares na Igreja, particularmente em instâncias de decisões, é uma preocupação pastoral do papa. Como nos mostra Molinari, no contexto da vida consagrada, dados revelam o êxodo feminino das novas gerações na estrutura eclesial.<sup>2</sup> Em sua atitude de diálogo e escuta, Francisco certamente não está alheio a esses dados e tem mostrado grande esforço para fazer a própria Igreja reconhecer os marginalizados que se encontram dentro dela, para que não haja mais êxodos de outras categorias de pessoas, como o dos operários na virada do século XIX para o XX, por não terem se sentido compreendidos pelas instâncias hierárquicas, salvo por algumas lideranças religiosas tal como o Pe. Alfred Daens. Este é um sinal de esperança para o futuro da Igreja, pois o papa demonstra ter compreendido que a Igreja não pode postular uma igualdade de gênero na sociedade quando ela mesma, em suas práticas pastorais, reforça a desigualdade ao criar uma hierarquia de funções pastorais: “Na Igreja, as funções *não dão justificação à superioridade* de uns aos outros”.<sup>3</sup> Basta citar o exemplo: em muitos cargos públicos, os salários e benefícios são iguais para os diferentes gêneros e raças. A constituição garante a igualdade de todos perante a lei. Porém, as escolhas daqueles que exercem o poder na Igreja nem sempre incluíram as mulheres. Nesse sentido, o questionamento do

<sup>1</sup> FRANCISCO e o papel das mulheres na Igreja. 2013. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-03/francisco-e-o-papel-das-mulheres-na-igreja.html>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

<sup>2</sup> MOLINARI, Carlo. La Chiesa Catholica, il potere e l' esodo dele donne. *ROCCA*, Rivista Pro Civitate Christiana Assisi. Anno &1. Periódico Quindicinale, n.13, p.52-53.1 Luglio, 2012. Disponível em: <[http://www.rocca.cittadella.org/rocca/s2magazine/moduli/NEWSPAPER/PDF/non\\_abbonati/01072012/RoccalInternet13del2012rgb.pdf](http://www.rocca.cittadella.org/rocca/s2magazine/moduli/NEWSPAPER/PDF/non_abbonati/01072012/RoccalInternet13del2012rgb.pdf)>. Não paginado.

<sup>3</sup> CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Declaração sobre a questão da admissão das mulheres ao sacerdócio ministerial *Inter Insigniores* (15 de Outubro de 1976), VI: AAS 69 (1977), 115, citado por João Paulo II na Exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles laici* (30 de Dezembro de 1988), 98 190): AAS 81 (1989), 493. Apud EG, 104, Nota 74.



Papa em relação à condição da mulher na estrutura eclesiástica se faz mais do que necessário:

*Aqui está um grande desafio para os Pastores e teólogos, que poderiam ajudar a reconhecer melhor o que isto implica no que se refere ao possível lugar das mulheres onde se tomam decisões importantes, nos diferentes âmbitos da Igreja.<sup>4</sup>*

Durante o encontro na *Assembleia Plenária do Pontifício Conselho da Cultura*, Francisco, em seu discurso, afirmou que o papel da mulher na Igreja e na sociedade não é de hóspede, mas de protagonista. Nessa mesma ocasião, ele disse que é uma questão urgente para a reversão do êxodo eclesial superar a subordinação social e institucional da mulher para se chegar a uma “igualdade absoluta” entre os gêneros e que a Igreja deve contribuir para que as mulheres participem não somente das tarefas pastorais nas comunidades cristãs, mas também do pensar teológico. É justamente a desilusão causada pela falta de testemunho nesse e noutros quesitos a razão maior do abandono crescente dos fiéis da Igreja católica.

Como gesto concreto, que exprime a preocupação do Papa Francisco com o reconhecimento do discipulado feminino na estrutura eclesiástica, podemos citar a mudança introduzida por ele no calendário litúrgico romano. No dia 03 de junho de 2016, foi publicado um Decreto da Congregação para o Culto Divino no qual se elevou a Memória Ordinária de Santa Maria Madalena ao grau de Festa.<sup>5</sup> Na hierarquia das celebrações litúrgicas, o grau de Festa geralmente remete às festas mistérios da Vida de Jesus, como a Festa da Apresentação do Senhor, da Visitação e Natividade de Maria, dos Apóstolos ou dos Evangelistas. Tal mudança se insere num contexto eclesial que pede uma reflexão mais profunda sobre a dignidade da mulher e o reconhecimento de seu papel na história da Igreja.

Outro gesto concreto que evidencia a preocupação de Francisco com a presença da mulher na Igreja se deu em 2016. Por ocasião da Assembleia Plenária das Superiores Gerais<sup>6</sup>, ele instituiu a Comissão

<sup>4</sup> PAPA FRANCISCO, 2013, n. 104, p. 65.

<sup>5</sup> Cf. DECRETO da Congregação para o Culto Divino, Roma em 03 de jun. de 2016. Disponível em: <[www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccdds/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/index_po.htm)>. Acesso em: 11 abr. 2019.

<sup>6</sup> Cf. DIÁLOGO do papa Francisco Com as Participantes na Plenária da união Internacional das Superiores – Gerais (UISG), Roma em 12 de maio de 2016. Disponível em: <[w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/may/documents/papa-francesco\\_20160512\\_uisg.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/may/documents/papa-francesco_20160512_uisg.html)>. Acesso em: 20 abr. 2019.



de Estudo do Diaconato para as Mulheres, com objetivo de esclarecer quais eram os ministérios exercidos pelas mulheres nas comunidades cristãs dos primeiros séculos. É sabido em boca pequena que, no entender dessa Comissão, não há dúvida do exercício do diaconato feminino nessas comunidades, mas, segundo essa mesma comissão, é preciso ainda resgatar o real papel que as diaconisas exerceram no seu interior. Muito embora não se saiba se haverá um pronunciamento oficial sobre esse assunto, o simples gesto do Papa de incluir nesta comissão várias mulheres é muito significativo.

Como último exemplo de gestos referentes à inclusão das mulheres nos espaços e organismos de decisão, o Papa Francisco, em reunião no Vaticano surpreendeu a muitos ao convidar uma mulher, Linda Ghisoni, Subsecretária do Dicastério Leigos, Família e Vida<sup>7</sup> para falar das feridas da Igreja causadas sobretudo por autoridades eclesiais masculinas. Reunido com representantes das Conferências Episcopais do mundo inteiro, em fevereiro de 2019, o papa não hesitou em convocar uma mulher para tratar, dentre outros assuntos, da proteção de menores, tendo em vista os vários escândalos de abusos sexuais praticados por líderes da Igreja católica. Por este gesto, o papa quis ratificar o reconhecimento do serviço que o gênero feminino presta à Igreja desde os primórdios. Foi com estas palavras que ele se dirigiu aos Bispos ali reunidos: “Não se trata de dar mais funções à mulher na Igreja [...], mas de integrá-la como figura da Igreja em nosso pensamento”.

Pela primeira vez na história, em 24 de maio de 2019, quatro mulheres (três religiosas e uma leiga) foram nomeadas por um Papa como consultoras da secretaria geral de um Sínodo. Francisco as nomeou como peritas do Sínodo dos bispos sobre a Amazônia. Outro gesto significativo foi a nomeação de sete mulheres pra o Dicastério da Vida Religiosa, em 09 de junho de 2019. Tradicionalmente formado por cardeais e presbíteros, este conselho se viu, de repente, rodeado por mulheres com poder de decisão. Além dessas, em 25 de julho de 2019, Francisco nomeou a brasileira Cristiane Murray para o cargo de vice-diretora da sala de imprensa da Santa Sé, iniciativa essa que, de alguma forma, foi precedida por outra: em 2014, cinco mulheres para a Comissão Teológica Internacional do Vaticano. Um olhar atento à trajetória de seu

<sup>7</sup> Cf. ENCONTRO do Papa Francisco com as Conferências Episcopais sobre a Proteção dos Menores, Vaticano, 2019. Disponível em: <[www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-02/papa-encontro-protacao-abusos-mulheres-vatiab.html](http://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-02/papa-encontro-protacao-abusos-mulheres-vatiab.html)>. Acesso em: 22 abr. 2019.



pontificado, contrariamente àqueles que dizem que Francisco não tem um posicionamento claro em relação à inserção das mulheres na estrutura eclesial, o papa tem demonstrado, por todos esses gestos, mais do que por pensamentos documentados, um grande esforço em integrar e reconhecer a contribuição do gênero feminino à Igreja. Muito embora sua iniciativa seja ainda tímida em relação à urgência dessa integração, não se pode negar que ele avançou muito mais nessa questão do que seus antecessores João Paulo II e Bento XVI.

É nesse sentido que dizemos que Francisco tem sido um resistente no seio da Cúria Romana. Marco Politi faz uma provocação ao relatar os entraves que Francisco tem encontrado em seu projeto de reformar a Cúria Romana, por meio do Conselho de oito cardeais por ele nomeados: “Até o pontificado de Ratzinger, a Cúria sempre fora apresentada como uma estrutura ao serviço do governo papal. Francisco muda os termos do problema e proclama sua intenção de transformá-la em um instrumento a serviço conjunto do papa e dos bispos”. Politi procura mostrar também como as palavras de Francisco – como aquelas transcritas e publicadas no jornal *La Repubblica* e no semanário *L'Osservatore Romano*, por ocasião de uma entrevista concedida a Eugenio Scalfari em 1º de outubro de 2013 – alertam para o fato de que “os interesses do Vaticano são, em grande parte, interesses temporais”<sup>8</sup>. Esses e outros pronunciamentos fizeram com que Francisco afrontasse o poder pastoral. Não se trata de pensar que seu poder encontra resistência em certos purpurados. Ao contrário, é ele que resiste ao poder centralizador, universalizante e individualizante da Cúria Romana. Para dar mais respaldo a esta afirmação, lançamos mão da reflexão criteriosa que Michel Foucault fez a respeito do poder pastoral.

Na segunda metade da década de 1970, Michel Foucault, na tentativa de compreender a governamentalidade neoliberal<sup>9</sup>, a conselho de seu amigo, o historiador Paul Veyne, se volta para a tradição semítica para ali investigar o que seria a matriz de um poder sobre todos e cada um (*omnes et singulatim*). A esta forma singular de governo sobre a conduta da população e de cada indivíduo em particular que a compõe,

<sup>8</sup> PAPA FRANCISCO *apud* POLITI, Marco. *François parmi les loups*, p. 98.

<sup>9</sup> Assim diz Michel Foucault em sua aula de 1º de fevereiro de 1978: “Por “governamentalidade” entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança” (*Segurança, Território, População*, p. 143).



Foucault deu o nome “Poder Pastoral”<sup>10</sup>. Esta forma de poder potencializa o poder disciplinar das instituições que encarceram o indivíduo na caserna, no hospital psiquiátrico, nos conventos e seminários, nas escolas e prisões, e instaura uma forma de controle que transcende o poder sobre territórios (poder soberano). Ela acompanha o sujeito portador de palavra nas vinte e quatro horas do dia, impondo-lhe uma atenção intensa sobre seu corpo e, sobretudo, sobre sua alma. As pesquisas de Foucault trazem à luz uma tecnologia de poder sobre as consciências, que tem como dispositivo principal a sexualidade, o que se apresentava impensável no mundo greco-romano, onde o espaço privado do *pater familias* garantia um limite à ingerência do governante no âmbito da *oikos*, da casa. Foucault desenvolve suas pesquisas na tentativa de compreender essa tecnologia de poder, ligada ao múnus pastoral das autoridades eclesásticas, e apresenta ao leitor as relações entre sujeito e verdade, subjetivação assujeitada, direção de consciência e confissão e as possíveis formas de lhe resistir. É assim, que Foucault, na aula de 1º de março, acaba por pesquisar também os movimentos de resistência a esse poder absoluto sobre todos e cada um (*omnes et singulatim*), atribuindo a alguns o neologismo “contraconduta”, resistência a certa maneira de conduzir a conduta dos outros. Assim, podemos dizer que não é o papa Francisco que encontra resistência ao exercício de seu papado, mas é ele o grande resistente frente ao poder pastoral e patriarcal da Cúria romana. Parafrazeando a lenda XXI dos *Fioretti de São Francisco*, que mostra como o santo foi capaz de amansar o lobo da cidade de Agobio<sup>11</sup>, Marco Politi diz que o papa atual, também ele, está situado em meio aos lobos (*Francesco tra i lupi*). No próximo tópico apresentaremos um exemplo de protagonismo das mulheres na história da Igreja e como elas resistiram aos enfrentamentos e sabotagens do poder pastoral.

<sup>10</sup> Numa perspectiva teológica, José Comblin dedica todo um capítulo ao poder clerical, intitulado *O Povo de Deus e a Instituição*. Nesse texto é possível estabelecer vários paralelos e aproximações entre as análises de Foucault e do teólogo belgo-brasileiro: “Precisamos voltar ao próprio do poder petrino: é o poder do papa agindo pessoalmente, em contato direto com uma realidade humana, diretamente relacionado com as pessoas das quais determina a sorte temporal e eterna. O que passa pela mediação da Cúria não é mais privilégio petrino, porque é sempre influenciado pelas preocupações próprias da administração” (COMBLIN, 2002, p. 374-375).

<sup>11</sup> Cf. GRISI, Francesco. *Monografia*. I Fioretti. Legenda XXI. Italia: Field Educacional, s.d, p. 77-78.



## 2 Movimento das beguinhas: uma referência de resistência ao poder patriarcal da estrutura eclesial

Um modo de ser Igreja em que o protagonismo das mulheres é valorizado, tanto no campo da ação pastoral e da reflexão teológica quanto nos postos de decisão, no avivamento de uma espiritualidade cristã fiel às suas origens, segundo o desejo do Papa Francisco, nós o encontramos no movimento feminino denominado Beguinato, que teve sua origem na época medieval. Esse movimento emerge de um processo de renovação da Igreja na Europa, em meados do século XII com as reformas do Papa Gregório VII. Muito embora seu papado tivesse sido relativamente curto (1073-1085), deixou marcas profundas, dentre as quais o restabelecimento da autonomia da Igreja para nomear suas autoridades eclesiásticas, tornando-a independente do Estado.<sup>12</sup>

A reforma gregoriana lançou as bases de um movimento de renovação da vida monástica e pastoral, com particular atenção às zonas periféricas das primeiras aglomerações urbanas, que iriam substituir, nos séculos vindouros, o modo de produção feudal. Isso possibilitou a reconstrução da vida apostólica para além da vida monástica, abrindo caminho para uma atuação pastoral mais efetiva do laicato. Enquanto na vida monástica este movimento de renovação resultou, por parte de muitos monges, na escolha da vida eremita, no laicato surgiram movimentos que buscavam viver sua fé na partilha de vida comunitária e na prática da caridade para com os pobres, ao lado das ordens religiosas mendicantes, tais como as Ordens Terceiras dos Dominicanos e Franciscanos. É exatamente neste momento que emerge o movimento leigo das beguinhas. Segundo Jean-Claude Schmitt, o final do século XII e o início do século XIII foram marcados pelo advento de uma superpopulação feminina, composta por viúvas ou celibatárias vivendo sozinhas, para as quais faltavam varões, mortos nas cruzadas ou em guerras feudais.<sup>13</sup> Oriundas, na maioria, do meio aristocrático e, por causa do direito do primogênito, privadas do casamento por falta de um dote satisfatório, e impedidas de entrar num mosteiro ou ordem religiosa, pelo excesso de contingente carecendo de

<sup>12</sup> Cf. GEYBELS, HANS. *Vulgariter Beghinae: Eight Centuries of Beguine History in the Low Countries*. Turnhout, Belgium: Brepols Publishers, 2004. p. 24

<sup>13</sup> Cf. SCHMITT, Jean-Claude. *Mort d'une Hérésie. L'Église et les clercs face aux béguines et aux béghards du Rhin supérieur du XI<sup>e</sup> au XV<sup>e</sup> siècle*. Paris: Mouton/École des Hautes Études en Science Sociales, 1978. p. 38.



meios de subsistência correspondentes, algumas mulheres, como que nostálgicas de uma vida monástica que lhes era recusada, “se instalaram sozinhas ou em pequenos grupos, muitas vezes perto de conventos ou de Igrejas, para viver em oração e na castidade, se contentando com magros recursos”.<sup>14</sup> Em sua primeira fase de desenvolvimento, o movimento beguinal se espalhou da região de Flandres, nos Países Baixos (Bélgica e Holanda), rumo à Alemanha (Renânia) e a alguns cantões da França, se expandindo rapidamente como um estilo inovador de vida cristã, essencialmente comunitário. Esse movimento se caracterizou por atrair um número cada vez maior de mulheres, sedentas por viver a radicalidade do Evangelho, em meio a uma vida de simplicidade e pobreza. Com total autonomia econômica, colocavam todos os bens em comum, vivendo uma partilha fraterna radical, entre si e no serviço caritativo aos pobres, doentes, idosos e órfãos.<sup>15</sup>

O movimento das beguinas, inicialmente, é descrito como um grupo de mulheres piedosas, com particular devoção à Eucaristia, o que parece lógico, segundo a mística amorosa, empregada por duas de suas mais notáveis representantes, Hadewijch d’Anvers e Marguerite Porete. A Eucaristia lhes parecia “o meio mais eficaz de atingir a união imediata com Deus e de antecipar de alguma forma a participação nos prazeres do paraíso”.<sup>16</sup> O beguinato se distingue, no entanto, das ordens religiosas consagradas porque seus membros vivem sua espiritualidade de forma humilde e não fazem votos públicos. As beguinas eram, portanto, economicamente autônomas, viviam de seus trabalhos e optavam por uma vida de castidade e oração.

Inicialmente, o termo beguinas foi aplicado a todos os grupos de mulheres ou comunidades piedosas leigas “semirreligiosas”. Alguns estudiosos atribuem essa denominação à palavra *beggen*, que no idioma alemão quer dizer “orar”. Outros, à cor de seu hábito, feito de lã crua (*beige*, em francês mediterrâneo). Outros ainda a fazem derivar do velho francês *begart*, pelo intermediário do inglês *to beg*, significando murmurar ou gaguejar orações. Essas variações fazem José Comblin afirmar que não há uma teoria exata que possa provar a origem do nome<sup>17</sup>. Somente

<sup>14</sup> SCHMITT, 1978, p. 38-39.

<sup>15</sup> Cf. GEYBELS, 2004, p. 29; PANCIERA, Silvana. *Les Béguines*. Namur: Fidélité, 2009. p. 57.

<sup>16</sup> Cf. PANCIERA, 2009, p. 74.

<sup>17</sup> Cf. COMBLIN, 1998, p. 126.



por volta do ano 1250, o termo passou a ser usado especificamente para designar as comunidades de leigas consagradas.<sup>18</sup> Porém, elas não tinham um fundador, não buscavam o reconhecimento eclesiástico, não tinham uma regra de vida ou constituição como a vida monástica. Seus votos eram proferidos na forma de um compromisso privado, que podia ser interrompido, e seus membros podiam continuar as atividades normais no mundo. Portanto, seu estilo de vida rompia com todos os paradigmas de uma época em que a Igreja e a sociedade civil eram de domínio exclusivamente masculino.

Como vimos, o pontificado de Gregório VII coincidiu com um cenário de muitas mudanças na esfera sociopolítica e cultural da baixa Idade Média, proporcionando um grande impulso renovador das instituições, sem o qual não teriam sido possíveis movimentos religiosos tão radicais como das Beguinas, dos Cátaros, dos Valdenses e dos Franciscanos, animados por lideranças carismáticas e proféticas. O profetismo desses movimentos, caracterizados por uma pobreza radical, contrastava fortemente com o *modus vivendi* dos sucessores do Papa Gregório VI, que faziam parte da alta hierarquia eclesiástica e da nobreza e cuja riqueza impedia a acolhida dos frutos da renovação inaugurada pelo Sumo Pontífice. Como reação a esses movimentos, o Concílio Laterano IV, convocado pelo Papa Inocêncio III, em 19 de abril de 1213, acabou por proibir novas formas de vida religiosa que não se baseavam na tradicional regra da vida monástica.<sup>19</sup> A partir desse Concílio, o movimento das beguinas passou a sofrer restrições para seguir como modo alternativo de vida cristã comunitária, sem, no entanto, perder seu estado de consagração laical. O contínuo desconforto, por parte da hierarquia eclesiástica em relação às beguinas, as levou inevitavelmente à resistência, para não perderem sua identidade espiritual e carismática.

O movimento das beguinas se caracterizou porque seus membros adotaram uma *práxis* cristã de discipulado de iguais, sem nenhuma hierarquia entre elas e ousando fazer o que se acreditava ser função apenas dos clérigos. Desconstruíram os pressupostos filosóficos e teológicos da época, falando do divino na língua materna, baseando sua espiritualidade nos valores evangélicos de amor ao próximo e menos em relações hierárquicas. Adotaram um estilo de vida apostólico dissonante da alta

<sup>18</sup> GEYBELS, 2004, p. 44.

<sup>19</sup> GEYBELS, 2004, p. 57.



hierarquia eclesiástica.<sup>20</sup> Enquanto a língua oficial da Igreja era o latim, elas optaram pelo uso da língua vernácula, com uma linguagem afetiva tanto para falar de Deus como para se dirigir a ele, portanto, totalmente contrária à ortodoxia da Igreja que, portanto, a considerava extremamente sensual. Como diz Silvana Panciera:

*Influenciadas por São Bernardo [de Claraval] († 1153) que a desenvolve em seus sermões sobre o Cântico dos Cânticos e também por São Francisco de Assis em seu casamento com a Dama Pobreza, as beguinias são intérpretes delicadas apaixonadas desse livro. A Mística nupcial é também uma transferência ao plano espiritual dos modos cortesões, da generosidade cavaleiresca e da poesia lírica amorosa. A palavra amor é feminina tanto em alemão como em neerlandês e lady Love i salso Divin Love. Assim, sob o termo Minne, as beguinias forjaram uma potente metáfora feminina de Deus.<sup>21</sup>*

Durante a explosão de fervor inaugurada primeiramente pelas beguinias, no final do século XII, uma vez que depois surgiu o ramo masculino (os begardos), vieram também as críticas e suspeitas por parte dos bispos, por se tratar de um movimento laical de vida comunitária. Houve vários conflitos com autoridades eclesiásticas, que tentaram forçar os beguinatos a se tornarem verdadeiros mosteiros fechados para o mundo.<sup>22</sup> As beguinias, desde então, começaram a ser pressionadas ou a permanecerem no mundo ou a viverem em estrita clausura. A Igreja teve dificuldades em acolher e compreender o estilo de vida beguinal, pautado na vivência evangélica com tão poucas regras. Essa forma de vida foi sentida como uma afronta por parte das autoridades masculinas<sup>23</sup>. No entanto, o *modus vivendi* dessas comunidades de mulheres piedosas (*mulieres religiosae*), inseridas no cotidiano do povo e que acolhiam membros de todas as classes sociais, encorajou umas às outras a assumirem a responsabilidade pela própria formação espiritual; a se tornarem apaixonadas pela pregação das Sagradas Escrituras na língua materna; a serem ativas na emergente economia monetária e vocacionadas ao serviço dos menos afortunados e à margem da sociedade.

<sup>20</sup> RIVERA GARRETAS, Maria Milagros. *La Diferencia sexual en la Historia*. Valencia: Publicaciones Universidad de Valencia, 2005. p. 98.

<sup>21</sup> PANCIERA, 2009, p. 70.

<sup>22</sup> RIVERA GARRETAS, 2005, p. 105.

<sup>23</sup> GEYBELS, 2004, p. 110.



Presentes nos leitos dos doentes, vítimas de doenças infecciosas e de epidemias, as beguinias pouco a pouco foram também se encarregando de todas as cerimônias de exéquias. No século XIV, era comum deixar em testamento uma soma em dinheiro para elas, a fim de que providenciassem as velas e orassem pelo legatário em seu aniversário de morte. Em Strasbourg, tudo indica que eram quase exclusivamente devotadas a essas funções funerárias. Assim, era-lhes atribuída uma função social importante. Porém, essa intimidade com a morte angariava respeito e ao mesmo tempo inspirava temor. A polêmica em torno do estatuto ambíguo das beguinias (nem esposas, nem religiosas), associada às suas atividades laboriosas e pastorais, contribuiu para que clérigos e comerciantes se lançassem numa cruzada contra elas. Logo se faziam as associações: temor – medo – suspeita – heresia, deixando marcadas na história as artimanhas do poder pastoral em seu combate ao discipulado de iguais.

Muito embora o trabalho manual fosse de fundamental importância para sua subsistência, a atividade primordial era a oração. Algumas beguinias sofriam interdições de fiar no horário das orações sob o pretexto de que o barulho da roca atrapalhava o recolhimento da comunidade. Por trás disso, diz Schmitt, talvez se escondesse a pressão dos tecelões locais, tratando de encontrar uma compensação do que eles julgavam privilégios das beguinias (*privilegia beguinalia*).<sup>24</sup> Para as autoridades masculinas locais, era inaceitável que tais mulheres fomentassem um modo de viver sem serem guiadas pelo pai, marido ou clérigo. A resistência do movimento perdurou por quase oito séculos. Em vários momentos as beguinias sofreram também com a intolerância e a incompreensão de autoridades eclesiásticas. No Concílio de Viena (1311), foram condenadas como hereges. O Papa Clemente V, por meio de dois Decretos: *Cum de Quibusdam Mulieribus* (1305) e *Ad Nostrum Qui* (1314), condenou expressamente os grupos de beguinias. Como consequência, algumas foram queimadas e muitas, expulsas dos beguinatos.<sup>25</sup> A resistência dessas mulheres foi considerada pelo Papa como desobediência e insubordinação às autoridades eclesiásticas, por infringirem a ortodoxia da Igreja. Por causa disso, tal resistência passou a ser um mal que devia ser duramente combatido.

Porém, as mudanças socioeconômicas e o fenômeno da urbanização próprios da época possibilitaram a essas mulheres gozarem de certa

<sup>24</sup> SCHMITT, 1978, p. 48.

<sup>25</sup> GEYBELS, 2004, p. 64.



autonomia e de proteger, apesar das perseguições, sua identidade como semirreligiosas consagradas.<sup>26</sup> Muito embora algumas delas tivessem tido problemas com a inquisição, como foi o caso de Marguerite Porete, por causa de sua espiritualidade mística, algumas autoridades, tais como Jacques de Vitry, então bispo de Liège (Bélgica), intercederam por elas. Isso possibilitou a sobrevivência dos beguinatos no chamado alto Reno (parte norte da Europa que se situa além dos Alpes).

Em síntese, pode-se dizer que o protagonismo dessas mulheres foi de grande contribuição para a Igreja. Os escritos teológicos, como o *Mirouer des âmes simples et anéanties qui seulement demeurent en vouloir et désir d'amour*, de Marguerite Porete, enriqueceram a hermenêutica e a espiritualidade medieval. A história do movimento revela que a participação feminina no espaço religioso suplantou a passividade, caracterizada pela contemplação espiritual e o trabalho doméstico, para adentrar ativamente na reflexão crítica. Como Marguerite Porete, algumas contribuíram para a produção intelectual, inclusive na esfera teológica e, com suas ideias, influenciaram nas concepções acerca do divino e na disseminação de valores sociais voltados à prática da piedade e da caridade. Associado não poucas vezes aos movimentos heréticos (irmãos do Santo Espírito, valdenses e albigenses), o movimento beguinal, sobretudo na Baixa Renânia, foi perseguido mais em função da prática do que da doutrina. “O indivíduo era julgado herético por referência menos à ortodoxia e mais às regras, às convenções, à disciplina da hierarquia eclesiástica”.<sup>27</sup> Embora nunca tenha sido reconhecido oficialmente pela Igreja, o movimento se constituiu num grande legado para a Igreja, que permaneceu vivo até o século passado e cuja última representante viu a chama de sua existência se apagar em abril de 2013.<sup>28</sup>

No próximo tópico, abordaremos a resistência ao poder pastoral, clerical e patriarcal sob a ótica da teologia bíblica. Como fizemos em relação aos gestos do Papa Francisco e ao acontecimento Beguinato<sup>29</sup>, nos

<sup>26</sup> RIVERA GARRETAS, 2005, p. 110.

<sup>27</sup> SCHMITT, 1978, p. 132.

<sup>28</sup> Marcella Pattyn, la dernière béguine au monde, est décédée dimanche 14 avril à l'âge de 92 ans à la maison de retraite Sint-Jozef de Courtrai. Disponível em: <<https://www.la-croix.com/Urbi-et-Orbi/Actualite/Carnet/La-derniere-beguine-au-monde-est-morte-a-Courtrai-2013-04-15-942771>>. Acesso em: 13 jun. 2019.

<sup>29</sup> Lembramos que a palavra “acontecimento”, utilizada aqui, está para além do sentido de mero fato histórico. A Queda da Bastilha está para além de um dado histórico, pois ela se tornou um sinal sempre presente da necessidade de se estabelecer a igualdade de direitos entre os seres humanos, aliados aos ideais de fraternidade e



voltamos para a tradição escriturística para ali colher senão a inspiração, ao menos a fundamentação para pensarmos as bases de um discipulado de iguais, procurando mostrar como Jesus, ele também, se mostrou resistente a toda forma de poder que estabelece relações assimétricas de dominação, do homem sobre a mulher. No próximo tópico, veremos como as narrativas das parábolas resistem subliminarmente a colocar somente os homens como protagonistas do anúncio da salvação e da construção das bases do reinado de Deus.

### 3 Jesus e sua concepção do discipulado feminino como inspiração a um discipulado de iguais

A atitude do Papa Francisco de colocar as mulheres como protagonistas da evangelização e nos postos de decisão, além de encontrar respaldo na história da Igreja, encontra sua inspiração na própria atitude de Jesus que coloca a figura feminina como modelo de discipulado (cf. Lc 8,1-2). As parábolas contadas por ele e retrabalhadas pela tradição dos evangelistas certamente servirão como lâmpada a iluminar nossa tentativa de pensar e constituir comunidades inclusivas a partir do discipulado de iguais.

As comunidades judaicas do primeiro século, sejam da Palestina ou da Diáspora, se fundamentavam nos valores da pureza e da santidade do povo escolhido por Deus. O mundo judaico estava estruturado a preservar esta pureza, de forma que toda pessoa impura devia ser excluída da convivência com o povo escolhido.<sup>30</sup> Quanto ao papel do homem e da mulher, a sociedade mediterrânea da época tinha uma clara distinção do espaço que os gêneros masculino e feminino deviam ocupar. Enquanto o espaço público estava reservado ao homem, a mulher pertencia à esfera doméstica.

---

liberdade que devem unir homens e mulheres, por exemplo. Segundo Michel Foucault, o que fez a Revolução Francesa ser vista como um acontecimento se deve ao fato de ser "recebida em toda a sua volta por expectadores que não participam dela, mas a veem, que assistem a ela e que, bem ou mal, se deixam arrastar por ela" (FOUCAULT, Michel. *O Governo de si e dos outros I* (1982-1983). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 18). Da mesma forma, o Beguinato passa a ser um acontecimento na medida em que ele serve de inspiração a pensar que o que foi possível num determinado momento do passado pode ser possível num futuro próximo também.

<sup>30</sup> BEAVIS, Mary Ann. *The Lost Coin: Parables of Women, Work and Wisdom*. London: Published by Sheffield Academic, 2002. p. 10.



Na obra lucana, por exemplo, há o cuidado de incluir os gêneros masculino e feminino. Lucas tem uma predileção pela paridade de gênero nas suas parábolas, colocando homem e mulher como protagonistas. Tal é o caso da parábola do homem que vai à procura da ovelha que se perdeu e da mulher que varre a casa em busca da dracma perdida. De certa forma, o Terceiro Evangelho celebra o discipulado feminino, sua autodeterminação e sua liderança frente a uma exclusão sistêmica das mulheres de seu tempo.<sup>31</sup> A mais longa oração deste evangelho, o Magnificat (Lc 1,46-56), brota do encontro de duas mulheres solidárias uma à outra. A mulher que unge os pés de Jesus com o frasco de alabastro controla as próprias finanças. Lucas inclui um grupo de discípulas entre os apóstolos (Lc 8,1-3); liberta Marta da ansiedade que as tarefas domésticas lhe traziam (Lc 10,38-42) e estabelece um equilíbrio de gênero também no que diz respeito a curas e milagres.

Aproximadamente, um terço dos ensinamentos de Jesus nos sinóticos pertence ao gênero parabólico. Frequentemente, Jesus optou pelas parábolas como meio de instrução de seus discípulos. Em algumas de suas narrativas parabólicas, coloca em ação personagens femininas como pessoas que se colocam a serviço do Reino de Deus (cf. Lc 13,20-21). No Evangelho citado, das quatorze parábolas que são exclusivas de sua obra, onze estão na narrativa da última viagem à Jerusalém,<sup>32</sup> dentre as quais se encontram duas parábolas em que as mulheres são descritas como protagonistas: a parábola da dracma perdida (Lc 15,8-10) e da viúva persistente (Lc 18,1-8). Muito embora um número significativo de exegetas masculinos já tenha interpretado estas parábolas, que são muito conhecidas no repertório catequético popular, para as mulheres teólogas o protagonismo destas duas personagens tem um significado especial. Elas nos levam a imaginar Deus agindo como mulher e a observar quais são as peculiaridades de suas ações através dos ministérios femininos nas comunidades de fé. Protagonista da parábola, a mulher que encontra a dracma não exclui nenhuma de suas amigas e vizinhas da festa e não descansa até obter a justiça, apesar de todas as adversidades. Colocar a mulher como imagem da ação divina é colocar Deus agindo a partir do desfavorecido.

<sup>31</sup> BEAVIS, 2002, p.18

<sup>32</sup> CARLINE, Rosemary P. & DOLPHIN, Kathleen J. *Women Wisdom and Witness: Engaging Context in Conversation*. Collegeville, Minnesota: Liturgical, 2012. p. 269.



Os ouvintes das parábolas de Jesus, como também os leitores a quem Lucas se dirige, são pessoas que vivem numa sociedade agrária do primeiro século da Palestina, e o contexto cultural mediterrâneo desta época era centrado na honra masculina.<sup>33</sup> A honra da mulher consistia em comportamentos de passividade, subordinação, camuflagem, modéstia e reclusão dentro de casa. Dentro do judaísmo, a situação das mulheres era semelhante.

O contexto literário da primeira parábola (Lc 15,8-10) é centrado na murmuração dos fariseus e dos doutores da lei, porque Jesus, em seu ministério, acolhe os pecadores, ou seja, os que estão excluídos em termos da lei religiosa e da tradição judaica. Portanto, não deviam fazer parte de sua missão.

A estrutura da parábola da dracma perdida é semelhante à da ovelha perdida. Ambas iniciam com uma pergunta, seguida de uma pequena introdução e uma conclusão interpretativa do próprio Jesus a respeito da perda, da procura, do encontro da moeda e da alegria partilhada. Enquanto a parábola da ovelha perdida evidencia uma riqueza significativa do protagonista, que possuía cem ovelhas, considerando a situação de exploração do campesinato da Palestina sob o império romano, a parábola da dracma perdida evidencia a pobreza da mulher que tinha apenas dez moedas. Lembrando que uma dracma (δραχμη), de modo geral, era o pagamento de dois dias de trabalho, numa realidade onde a maioria das pessoas era de trabalhadores diaristas que viviam do seu trabalho diário.<sup>34</sup>

O cenário descrito na parábola é de uma casa pobre, escura, com pouca luminosidade, pois é necessário acender a lâmpada para procurar a moeda, certamente porque a janela era pequena. O imposto cobrado pelo império romano sobre as casas se baseava no tamanho da casa, na quantidade de janelas. Mesmo com a lâmpada acesa, a mulher precisa cuidadosamente varrer toda a casa na esperança de ouvir o barulho do metal batendo no chão. Sua alegria é tão grande ao encontrar sua moeda perdida, que ela sai e convida todas as suas amigas e vizinhas para partilhar de sua felicidade. A temática da conversão, colocada lado a lado nestas duas parábolas, exalta a alegria e misericórdia de Deus para com o gênero humano, simbolizado nos dois protagonistas. A alegria divina é

<sup>33</sup> JOHNSON, E. S. *She Who Is: The Mystery of God in Feminist Theological Discourse*. New York Crossroad, 1992. p. 80.

<sup>34</sup> BEAVIS, 2002, p. 26.



fruto da consciência do homem e da mulher que reconhecem a gratuidade oferecida mediante o arrependimento.<sup>35</sup>

Um olhar mais acurado mostra o quanto a narrativa da dracma perdida foi bem construída. Lucas insere uma sequência de substantivos femininos para contar a história: a mulher (γυνή), suas amigas (φίλας), suas vizinhas (γείτονας), a moeda encontrada. Estas são todas palavras femininas no grego. Deus é descrito como esta mulher, que usa de todos os recursos para buscar aquele/aquela que estava perdido(a). A comunidade cristã, a quem a parábola é dirigida, deve ser uma comunidade que abraça a todos, que procura o ser humano independentemente de seu gênero. Todo homem cristão e toda mulher cristã se colocam na busca incansável daqueles que estão distantes de Deus. E toda comunidade celebra e se alegra junto (Συγχαρήτέ) com aqueles que a ela retorna mediante o arrependimento (μετανοίας). A imagem de Deus, protagonizada por esta mulher, é a de um Deus que se recusa a ter espaços vazios na mesa de seu banquete. A celebração cristã era um momento de extrema alegria particularmente quando não faltava ninguém. Deus, como esta mulher, só tem sua alegria completa na comunhão de seus filhos e filhas. Portanto, a parábola é um convite a varrer (σαροῖ) e procurar diligentemente (ζητεῖ ἐπιμελῶς) até encontrar um novo paradigma da vida cristã, inspirado nas três ações desta mulher: acender a lâmpada, varrer e procurar.<sup>36</sup> Ela se coloca numa atitude de exaustivo esforço e não descansa até encontrar a moeda. A parábola narrada por Jesus provoca nos fariseus e doutores da lei um desconforto e um autoconfronto que os levam a refletir sobre o quanto é restauradora a misericórdia divina.

As duas parábolas, tanto a que descreve Deus como o pastor que procura a ovelha quanto a da mulher que procura a dracma, são dirigidas à comunidade lucana e aplicadas sob uma perspectiva teológica que deixa claro que, sozinhos e fora da comunidade, somos pessoas perdidas e isoladas. Somente juntos formamos uma Igreja (ἐκκλησία). As conclusões das duas parábolas mencionam a alegria dos anjos, evidenciando claramente o aspecto teológico da comunhão dos santos e das santas de Deus, que é uma realidade eclesial.

<sup>35</sup> HERZOG II, William R. *Parables as Subversive Speech: Jesus as pedagogue of The Oppressed*. Westminster: John Knox, 1994. p. 15.

<sup>36</sup> BEAVIS, 2002, p. 40.



A segunda parábola, da viúva persistente (Lc 18,1-8), em que vemos a mulher como protagonista, emerge do contexto literário de Lucas, no qual vemos Jesus ensinando aos seus discípulos sobre a importância de perseverar na oração (πάντοτε προσεύχεσθαι). Sua temática remete à imagem do Deus que ouve a súplica de seu povo, pois ele se importa com as situações de sofrimento daqueles que o temem. O cenário descrito nesta narrativa é de uma viúva (χήρα) que insistentemente clama a um juiz que lhe faça justiça.<sup>37</sup>

No sistema legal do primeiro século na Palestina, o governo romano colocava sob a responsabilidade de magistrados as questões mais amplas de justiça, pois dentro do judaísmo eram os anciãos e o Sinédrio que julgavam as questões de justiça relativa ao seu povo. O juiz descrito na parábola de Jesus não temia a Deus, pois ele era o oposto do que devia ser. Portanto, não se deixava guiar pela Torah.<sup>38</sup> A viúva, por sua vez, está sozinha na sua busca pela justiça, já que não tinha mais um marido que a defendesse. Embora seja autônoma, não se encontra em uma situação de privilégio em relação a outras mulheres; pelo contrário, estava numa condição de maior vulnerabilidade, mais exposta à exploração e à injustiça numa sociedade patriarcal, na qual a viúva não tinha direito à herança da família, que era reservada estritamente aos homens.

Um aspecto interessante nesta parábola é o de uma mulher judia que não era qualificada para testemunhar numa corte.<sup>39</sup> Isto certamente deixou a audiência de Jesus surpresa, assim como deixará surpresos os próprios leitores de Lucas, pois uma simples viúva, por definição, na visão deles, era fraca, impotente, insensata, tola, atrevida e inútil; não devia estar na corte incomodando ou intimidando o juiz. Aos olhos do povo da Galileia do primeiro século, esta viúva era tão desavergonhada como o juiz.

Neste contexto histórico, percebe-se o quanto Lucas ressalta que o ato de persistência da viúva não era uma questão trivial. Ela clama por justiça porque é vítima de um crime. Somente um grave crime justificaria uma mulher ousar invadir uma corte judicial, ambiente de estrito domínio masculino, e incomodar (κόπον: afligir, perturbar)

<sup>37</sup> DOWLING, Elizabeth V. *Taking Away the Pound: Women, Theology and the Parable of the Pounds in the Gospel of Luke*. London: T&T Clark International, 2007. p. 8.

<sup>38</sup> DOWLING, 2007, p. 10.

<sup>39</sup> DOWLING, 2007, p. 15.



este juiz para pedir justiça, a ponto de superar sua fraqueza, impotência e a vergonha de se expor publicamente. O verbo grego, traduzido por incomodar (ὀπωπιάζ), indica golpear alguém no olho, coagir ou continuamente importunar alguém, o que destaca o quanto o juiz se sentiu importunado por esta viúva. O fato de Jesus comparar Deus com este juiz pode suscitar questionamentos: Deus é como esta mulher ou como o juiz? Se é como o juiz, precisa ser tão atormentado assim com nossas orações? Se é como a mulher, exercita a paciência dia e noite incessantemente clamando por justiça?<sup>40</sup>

Jesus retira os exemplos de suas parábolas do cotidiano, mas suas narrativas vão além do normal. A insistência da viúva por justiça forçosamente a obriga a se tornar autônoma, assertiva e insubordinada aos olhos dos valores culturais da época. Tais atitudes, neste contexto, não eram de aplauso, mas de reprovação. Ao colocar uma mulher como protagonista, Jesus propositalmente exagerou em alguns aspectos para trazer a novidade aos seus discípulos. Como a viúva, eles se encontravam diante de injustiças estruturais, mas deviam se comprometer com a justiça em todos os âmbitos. Esta mulher em uma situação tão desfavorável não esmoreceu em clamar pela justiça. A imagem de Deus continua insistindo até que nós, relutantes em fazer o bem, finalmente façamos o que é certo e justo. Se a mulher é colocada como a imagem de um Deus que quer a justiça, então a humanidade é a imagem do juiz injusto que resiste à prática da justiça.<sup>41</sup>

O Jesus histórico de Nazaré viveu numa sociedade judaica patriarcal, androcêntrica, que olhava para o status dos líderes religiosos de seu tempo, para os fariseus e saduceus que possuíam a lei, mas não a tinham no coração. Estes perderam a consciência da justiça porque abandonaram a Torah, abandonaram a Deus. Neste sentido, esta parábola dá voz e suporte àqueles que não têm nenhum poder teológico, espiritual, emocional, social e físico. A oração a Deus, nessa parábola, passa pela persistência de uma viúva vulnerável e socialmente marginalizada<sup>42</sup>. Aos olhos de Jesus, ela é símbolo de muitos de seus contemporâneos, excluídos, explorados e abandonados pelo Templo e pelo Império. Extraordinariamente uma mulher que não tem nenhum poder, mas apenas sua

<sup>40</sup> DOWLING, 2007, p. 25.

<sup>41</sup> JOHNSON, E. S. *She Who Is: The Mystery of God in Feminist Theological Discourse*. New York: Crossroad, 1992. p. 83.

<sup>42</sup> HERZOG II, 1994, p. 12.



voz e sua consciência de justiça, coloca em ação todo seu entendimento do que é justo segundo o olhar de Deus, contido na Torah.

Os leitores, a quem Lucas relata esta parábola, eram cristãos que estavam cada vez mais isolados dentro do Império e dentro do Judaísmo. Por isso, eles se identificavam facilmente com a viúva da parábola. Metaforicamente, eles eram como viúvas e órfãos sofrendo contínuas perseguições, sem nenhuma liderança que lhes fizesse justiça. Somente a comunidade dos discípulos e discipulas lhe dava apoio. Lucas, ao colocar Jesus como narrador desta parábola, deixa claro que em seu ministério o mestre de Nazaré deu voz aos marginalizados e desfavorecidos como mulheres, leprosos, pecadores, pobres, prostitutas, cobradores de impostos e outras categorias de excluídos. Ao colocar as mulheres como protagonistas de suas parábolas, Jesus não só inova, mas *resiste* à tendência das autoridades religiosas judaicas em reafirmar o poder patriarcal e a estabelecer uma relação de dominação dos homens sobre as mulheres. Ele conduz suas parábolas de outra forma, para que seus interlocutores se sintam provocados a se conduzirem também de outra forma, para além de todo poder patriarcal.

## Conclusão

Embora, na prática, os gestos de Francisco revelem um esforço de inclusão da mulher nas estruturas de decisões, não é possível prever quando e como isso acontecerá efetivamente, uma vez que esses gestos parecem não terem ecoado no interior da Igreja institucional. A versão final do Sínodo da Amazônia está aquém das propostas do *Instrumentum Laboris* (Cf. n. 129, c) e das discussões em plenária sobre a possibilidade de ordenação diaconal para as mulheres<sup>43</sup>. Porém, os passos do Papa, dando ouvidos ao que dizem as Igrejas particulares a respeito do papel da mulher na estrutura eclesial e nos projetos de evangelização, evidenciam que a Igreja católica precisa reconhecer as dificuldades que ela mesma apresenta, do ponto de vista jurídico, à participação plena da mulher em seu interior. Francisco tem resistido ao patriarcalismo da Cúria Romana ao apontar continuamente a necessidade de as mulheres ocuparem espaços com igual dignidade concedida aos homens,<sup>44</sup> mas não é uma

<sup>43</sup> Cf. Sínodo para a Amazônia: valorizar os leigos e “pensar na possibilidade de uma ordenação diaconal para as mulheres”. Revista IHU on-line de 09 de outubro de 2019. Disponível em: <[www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)>. Acesso em: 12 dez. 2019.

<sup>44</sup> PAPA FRANCISCO, 2013, n. 103.



tarefa fácil. Construir uma Igreja no caminho do discipulado de iguais exige fidelidade ao ensinamento de Jesus, que abraçou a todos os que acolheram sua proposta de vida, sem distinção de classes sociais ou de gênero, apontando saídas para superar todas as formas de preconceitos e de dominação.

A inclusão da mulher na construção de uma Igreja na qual os filhos e filhas de Deus são acolhidos como iguais exige mudanças que só acontecerão se homens e mulheres trabalharem juntos nessa direção. A reflexão teológica feminina teve pouco impacto na Igreja. Por isso gestos concretos no interior das comunidades e por parte das lideranças eclesiais são fundamentais para provocar mudanças nos documentos da instituição. É sabido que a norma muda quando ela não corresponde mais aos usos e costumes. Foi assim com Paulo, em relação aos seus questionamentos sobre a obrigação da circuncisão para os não-judeus. Posteriormente, devido ao crescimento do número de adeptos oriundos do mundo helênico, esse costume judaico praticamente foi desconsiderado nas comunidades cristãs após o terceiro século.

Desde os primórdios houve uma imposição patriarcal que praticamente foi colocando à deriva o protagonismo das mulheres reconhecido por Jesus. Ao que parece, o papel que o mestre de Nazaré concedeu às mulheres não encontrou muito eco na tradição apostólica. O segundo tópico deste artigo mostrou que Lucas, também ele, foi um resistente e procurou ser fiel ao protagonismo ressaltando a figura feminina na composição que fez das parábolas de Jesus. No entanto, as gerações que o sucederam parecem ter reforçado o patriarcalismo, colocando na marginalidade as mulheres, e passaram a restringir, senão a negar, a participação delas nos âmbitos pastorais da ação e da decisão, operando, por meio das tecnologias do poder pastoral, a introjeção da ideologia patriarcal na consciência de cada um dos fiéis, inclusive nas consciências femininas.

O questionamento do Papa Francisco a respeito da ausência da mulher nos organismos e postos de comando e decisões a Igreja, mais por gestos do que por palavras, tem sua origem na recusa, quase que perene, dos dirigentes da Cúria romana, e daqueles que lhes prestam uma reverência incondicional, a acolher o gênero feminino na estrutura eclesial e a pensar o discipulado de iguais inaugurado por Jesus. Na sua origem, a Igreja neotestamentária representa uma nova comunidade radicalmente determinada pelo amor trinitário. O lava-pés remete a um



discipulado igualitário, que se modela sobre o ser mesmo de Jesus; a um ser totalmente para os outros; a uma comunidade serva. A graça do batismo, que nos coloca no caminho do seu seguimento, nos convida a acolher uns aos outros, nos princípios da fraternidade e da sororidade inaugurada pelos discípulos e discípulas do nazareno.

Os quatro Evangelhos reconhecem a diaconia das mulheres ao apresentá-las como agentes no serviço à comunidade; como destinatárias de curas, modelos de fé e figuras exemplares nas parábolas de Jesus. A Igreja primitiva se constituiu numa rede de comunidades acolhedoras, inclusivas, nas quais homens e mulheres formavam comunidades de iguais; foram comunidades nascidas aos pés da cruz e modeladas a partir da práxis do próprio Cristo, que viveu na terra a reciprocidade, a partilha, a gratuidade e o serviço e rompeu com toda sorte de egocentrismo, classista ou racista, ou de discriminação que impede a comunhão.

Na história da Igreja, as beguinas mostraram o quanto as mulheres são capazes de se voltarem ao estudo, à interpretação e ao comentário das Escrituras junto aos pobres, ousando afrontar as imposições da tradição patriarcal e mostrando que eram capazes de estar tanto no lugar ocupado pelos homens quanto naqueles em que eles não queriam ou que tinham receio de ocupar. O Sínodo da Amazônia contou com uma participação significativa de mulheres, às quais o Papa ouviu atentamente. Por seus gestos, o Papa Francisco resiste ao poder patriarcal que se enraizou nas estruturas eclesiais e mostra que está ligado à mais fiel tradição instaurada por Jesus, cuja práxis inaugurou, no seio da sociedade judaica, o discipulado feminino e, conseqüentemente, o discipulado de iguais.

## Referências

BEAVIS, Mary Ann. *The Lost Coin: Parables of Women, Work and Wisdom*. London: Sheffield Academic, 2002.

CARLINE, Rosemary P.; DOLPHIN, Kathleen J. *Women Wisdom and Witness: Engaging Context in Conversation*. Collegeville, Minnesota: Liturgical, 2012.

COMBLIN, José. *Vocação para a Liberdade*. São Paulo: Paulus, 1998.

COMBLIN, José. *O Povo de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.



DECRETO da Congregação para o Culto Divino, Roma em 03 de jun. de 2016. Disponível em: <[www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccdds/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/index_po.htm)>. Acesso em: 11 abr. 2019.

DIÁLOGO do Papa Francisco com as participantes na Plenária da União Internacional das Superiores – Gerais (UISG), Roma em 12 de maio de 2016. Disponível em: <[w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/may/documents/papa-francesco\\_20160512\\_uisg.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/may/documents/papa-francesco_20160512_uisg.html)>. Acesso em: 20 abr. 2019

DOWLING, Elizabeth V. *Taking Away the Pound: Women, Theology and the Parable of the Pounds in the Gospel of Luke*. London: T&T Clark International, 2007.

ENCONTRO do Papa Francisco com as Conferências Episcopais sobre a Proteção dos Menores, Vaticano, 2019. Disponível em: <[www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-02/papa-encontro-protexao-abusos-mulheres-vatiab.html](http://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-02/papa-encontro-protexao-abusos-mulheres-vatiab.html)>. Acesso em: 22 abr. 2019.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Curso ministrado no Collège de France (1977-1978). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *O Governo de si e dos outros I* (1982-1983). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FRANCISCO e o papel das mulheres na Igreja. 2013. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-03/francisco-e-o-papel-das-mulheres-na-igreja.html>>. Acesso em 10 abr. 2019.

GEYBELS, HANS. *Vulgariter Beghinae: Eight Centuries of Beguine History in the Low Countries*. Turnhout, Belgium: Brepols Publishers, 2004.

GRISI, Francesco. Monografia. *I Fioretti*. Legenda XXI. Italia: Field Educacional, s.d

HERZOG II, William R. *Parables as Subversive Speech: Jesus as pedagogue of The Oppressed*. Westminster: John Knox, 1994.

JOHNSON, E. S. *She Who Is: The Mystery of God in Feminist Theological Discourse*. New York: Crossroad, 1992.

MOLINARI, Carlo. La Chiesa Catholica, il Potere e l'esodo delle Donne. *Rocca, Rivista Pro Civitate Christiana Assisi*. Anno &1. Periódico Quindicinale, n.13, p.52-53.1 Luglio, 2012. Disponível em: <<http://>



[www.rocca.cittadella.org/rocca/s2magazine/moduli/NEWSPAPER/PDF/non\\_abbonati/01072012/RoccaInternet13del2012rgb.pdf](http://www.rocca.cittadella.org/rocca/s2magazine/moduli/NEWSPAPER/PDF/non_abbonati/01072012/RoccaInternet13del2012rgb.pdf)>.

PAPA FRANCISCO. *Audiência Geral*. Praça de São Pedro. 2013a. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco\\_20130403\\_udienza-generale.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20130403_udienza-generale.html)>. Acesso em: 10 abr. 2019.

PAPA FRANCISCO. *Alocução na audiência no Dia Internacional das mulheres*, Praça de São Pedro. 2013a. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco\\_20130403\\_udienza-generale.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20130403_udienza-generale.html)>. Acesso em: 10 abr. 2019.

PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes na Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura*, 7 de fev. 2015. Disponível em: <[w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/february/documents/papa-francesco\\_20150207\\_pontificio-consiglio-cultura.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/february/documents/papa-francesco_20150207_pontificio-consiglio-cultura.html)>. Acesso em: 11 abr. 2019.

PAPA FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*. Sumo Pontífice Francisco. Sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

PANCIERA, Silvana. *Les Béguines*. Namur: Fidélité, 2009.

POLITI, Marco. *François parmi les loups*. Traduit de l'italien para Samuel Sfez. L'Isle – d'Espagnac: Philippe Rey, 2016.

RIVERA GARRETAS, María Milagros. *La Diferencia sexual en la Historia*. Valencia: Publicaciones Universidad de Valencia, 2005.

ROCCHETA, Carlo. *Teologia da Ternura: Um Evangelho a Descobrir*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

SCHMITT, Jean-Claude. *Mort d'une Hérésie*. L'Église et les clercs face aux béguines et aux béghards du Rhin supérieur du XIVe au XVe siècle. Paris: Mouton/École des Hautes Études en Science Sociales, 1978.

VATICAN NEWS. *Francisco e o papel das mulheres na Igreja*. 2013b. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-03/francisco-e-o-papel-das-mulheres-na-Igreja.html>>. Acesso em: 10 abr. 2019.